

# A BUSCA DO COMUM

PRÁTICAS ARTÍSTICAS  
PARA OUTROS FUTUROS  
POSSÍVEIS

COORDENAÇÃO

Carla Cruz  
Hugo Cruz  
Isabel Bezelga  
Miguel Falcão  
Ramon Aguiar



# A BUSCA DO COMUM

PRÁTICAS ARTÍSTICAS PARA OUTROS  
FUTUROS POSSÍVEIS

## **TÍTULO**

A Busca do Comum – Práticas Artísticas Para Outros Futuros Possíveis

## **COORDENAÇÃO**

Carla Cruz, Hugo Cruz, Isabel Bezelga, Miguel Falcão e Ramon Aguiar

## **COMISSÃO EDITORIAL**

Abel Arez (ESELx-IPL)

Ângela Saldanha (INSEA/ CIAC-UAB)

António Ângelo Vasconcelos (ESE-IP SETÚBAL)

Carla Cruz (i2ADS-FBAUP)

Claire Binyon (ESMAE-IPP)

Flávia Liberman (UNIFESP)

Flávio Desgranges (UDESC)

Francesca Rayner (CEHUM/ GIEP-UM)

Helder Maia (i2ADS-FBAUP/ ESMAE-IPP)

Hugo Cruz (CIIE-FPCEUP/ CHAIA-UE/ MEXE)

Isabel Bezelga (CHAIA-UE/ IELT-UNL)

Isabela Umbuzeiro Valent (PACTO/ PGEHA-USP)

Luísa Pinto (CEAA-ESAP)

Marina Henriques Coutinho (UNIRIO)

Miguel Falcão (ESELx-IPL/ CET-FLUL)

Paula Reaes Pinto (CIAUD-FA-ULisboa)

Ramon Aguiar (UEMG/ IELT-UNL/CHAIA-UE)

Sónia Passos (ESMAE-IPP)

Teresa Eça (INSEA/ APECV)

Teresa Furtado (CHAIA-UE)

## **AUTORES/AS**

Aida Rechena

Amanda Midori

Ana Maria Rodriguez Costas (Ana Terra)

Ana Moya Pellitero

António Ângelo Vasconcelos

António Gorgel Pinto

Arturo Cancio Ferruz

Ashley Lucas,

Carla Cibele Figueiredo

Carla Cruz

Celida Salume Mendonça

Conrado Federici

Eliane Dias de Castro

Elizabeth M. F. de Araújo Lima

Erika Alvarez Inforsato

Flavia Liberman

Isabela Umbuzeiro Valent

Jan Cohen-Cruz

Jorge Roberto Ribeiro Braga Junior

Kátia Letícia Costa Santos

Marcia Machado de Moraes

Marina Guzzo

Mauro Antônio de Souza

Natália Fiche

Paula Reaes Pinto

Paulina Martínez Marín

Pedro Miguel Felício

Rafael Guendelman Hales

Raíra Rosenkjar

Ramon Aguiar

Renata Monteiro Buelau

Sandra González Álvarez

Sergio Costa Junior (Sergio Kauffmann)

Teresa Veiga Furtado

Tiago Mora Porteiro

Vanessa Florentino de Jesus

Vicente Carlos Pereira Júnior

Vicente Concilio

Viviane Santalucia Maximin

## **EDIÇÃO**

Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade – i2ADS

## **DESIGN GRÁFICO**

Gráficos Associados

## **ISBN**

978-989-54417-9-2

Esta publicação reúne artigos selecionados – através de revisão cega por pares – decorrentes das apresentações proferidas no III EIRPAC – Encontro Internacional de Reflexão sobre Práticas Artísticas Comunitárias 2019, realizado de 16 a 18 de setembro na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em Portugal, no contexto do MEXE – Encontro Internacional de Arte e Comunidade. Os textos, de acordo com as opções dos/as autores/as, apresentam-se escritos em Português de Portugal (com ou sem acordo ortográfico), Português do Brasil, Castelhana ou Inglês.

## COORGANIZAÇÃO



CHAIA/UÉ [2019] - Ref.º UID/EAT/00112/2013 - [Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia]





# III EIRPAC – ENCONTRO INTERNACIONAL DE REFLEXÃO SOBRE PRÁTICAS ARTÍSTICAS COMUNITÁRIAS

## A BUSCA DO COMUM – CONTRIBUTOS DAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS PARA OUTROS FUTUROS POSSÍVEIS, 2019

### COMISSÃO ORGANIZADORA

Amanda Midori (i2ADS-FBAUP)  
Ana Maria Oliveira (FCH-UCPL)  
Carla Cruz (i2ADS-FBAUP)  
Carmen Cangarato (CHAIA-UE)  
Claire Binyon (ESMAE-IPP)  
Hugo Cruz (CIIE-FPCEUP/ CHAIA-UE/ MEXE)  
Isabel Bezelga (CHAIA-UE/ IELT-UNL)

Isabela Umbuzeiro Valent (PACTO/ PGEHA-USP)  
Manuel Bogalheiro (CICANT-ULP)  
Maria João Mota (PELE)  
Margarida Dias (i2ADS-FBAUP)  
Miguel Falcão (ESELx-IPL/ CET-FLUL)  
Ramon Aguiar (UEMG/ IELT-UNL/ CHAIA-UE)

### COMISSÃO CIENTÍFICA

Abel Arez (ESELx-IPL)  
Ana Maria Oliveira (FCH-UCPL)  
Ana Nolasco (ESELX-IPL/ UNIDCOM-IADE)  
Ana Silva Marques (ESD-IPL)  
Ângela Saldanha (INSEA/ CIAC-UAB)  
António Ângelo Vasconcelos (ESE-IP SETÚBAL)  
António Prieto Stambaugh (UNIVERSIDAD VERACRUZEANA)  
Armando Nascimento Rosa (ESTC/ CIAC-UALG)  
Carla Cruz (i2ADS-FBAUP)  
Cátia Rijo (ESELx-IPL/ CIAUD)  
Claire Binyon (ESMAE-IPP)  
Cláudia Madeira (ICNOVA)  
Christine Zurbach (CHAIA-UE)  
Eugene Van Erven (UTRECHT UNIVERSITY)  
Fernando Matos Oliveira (CEIS20-UC)  
Flávia Liberman (UNIFESP)  
Flávio Desgranges (UDESC)  
Francesca Rayner (CEHUM/ GIEP-UM)  
Giulia Innocenti (UCM SACRO CUORE)  
Helder Maia (i2ADS-FBAUP/ ESMAC-IPP)  
Hugo Cruz (CIIE-FPCEUP/ CHAIA-UE/ MEXE)  
Isabel Babo (CICANT-ULP)  
Isabel Bezelga (CHAIA-UE/ IELT-UNL)  
Isabel Menezes (CIIE-FPCEUP)

Isabela Umbuzeiro Valent (PACTO/ PGEHA-USP)  
Josette Féral (EASTAP)  
Jorge Palinhos (CEAA-ESAP)  
Lucília Valente (IDEA-UE)  
Luísa Pinto (CEAA-ESAP)  
Manuel Bogalheiro (CICANT-ULP)  
Márcia Pompeo Nogueira (UDESC)  
Marina Henriques (UNIRIO)  
Miguel Falcão (ESELx-IPL/ CET-FLUL)  
Nuno Coelho (FCTUC-DEI/ CEIS20-UC)  
Paula Reaes Pinto (CIAUD-FA-ULisboa)  
Paulo Filipe Monteiro (ICNova-UNL)  
Paulo Rodrigues (ESELx-IPL)  
Paulo Simões Rodrigues (CHAIA-UE)  
Ramon Aguiar (UEMG/ IELT-UNL/CHAIA-UE)  
Rita Wengorovius (ESTC-IPL)  
Sónia Passos (ESMAE-IPP)  
Teresa Eça (INSEA/ APECV)  
Teresa Furtado (CHAIA-UE)  
Tiago Assis (i2ADS-FBAUP)  
Tiago Porteiro (CEHUM/GIEP-UM)  
Tim Prentki (UNIVERSITY OF WINCHESTER)

## **COORGANIZAÇÃO**

Centro de História da Arte e Investigação Artística da  
Universidade de Évora (CHAIA-UE)

Centro de Investigação e Intervenção Educativas da  
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da  
Universidade do Porto (CIIE-FPCEUP)

Centro de Investigação em Comunicações Aplicadas e  
Novas Tecnologias da Universidade Lusófona do Porto  
(CICANT-ULP)

Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo do  
Instituto Politécnico do Porto (ESMAE-IPP)

Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica  
Portuguesa – Lisboa (FCH-UCPL)

Instituto de Estudos de Literatura e Tradição  
da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da  
Universidade Nova de Lisboa (IELT-FCSH-NOVA)

Instituto Politécnico de Lisboa (IPL)

Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade  
da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto  
(i2ADS-FBAUP)

Laboratório de Estudos do Espaço Teatral e Memória  
Urbana (UNIRIO)

Laboratório de Estudo e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia  
Ocupacional Universidade de São Paulo (PACTO-USP)

MEXE Associação Cultural

PELE



# ÍNDICE

<b>CONFIAR   FIAR COM</b> <u>CARLA CRUZ, HUGO CRUZ, ISABEL BEZELGA, MIGUEL FALCÃO E RAMON AGUIAR</u>	11
<b>BEYOND THE “OTHER”: SEEKING COMMONALITY IN A DIVIDED WORLD</b> <u>JAN COHEN-CRUZ</u>	16
<b>DESAFIOS E POTÊNCIAS DAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS COMUNITÁRIAS</b>	
<b>RASTILHO: AUTORIA, AUTORIDADE E AUTONOMIA NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA COLETIVA</b> <u>CARLA CRUZ E AMANDA MIDORI</u>	21
<b>FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROJETOS DE PRÁTICAS ARTÍSTICAS – UMA PONTE ENTRE O ENSINO SUPERIOR E OS CONTEXTOS DE INTERVENÇÃO PESSOAL E/OU PROFISSIONAL DOS FORMANDOS</b> <u>CARLA CIBELE FIGUEIREDO, ANTÔNIO ÂNGELO VASCONCELOS E PEDRO MIGUEL FELÍCIO</u>	29
<b>OS PROJETOS PALCO GIRATÓRIO E SESC AMAZÔNIA DAS ARTES E AS NOVAS CARTOGRAFIAS DAS ARTES CÊNICAS BRASILEIRAS</b> <u>VICENTE CARLOS PEREIRA JÚNIOR</u>	37
<b>CHANQUIN@S A ESCENA: POSIBILIDADES DE ENCUENTRO EN LA NARRACIÓN DE HISTORIAS: ANÁLISIS DE DISPOSITIVOS CREATIVOS QUE ACTÚAN COMO CLICKBAITS PROMOTORES DE PARTICIPACIÓN</b> <u>PAULINA MARTÍNEZ MARÍN</u>	44
<b>AS RELAÇÕES ENTRE TEATRO E TERRITÓRIO NOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DO GRUPO CÓDIGO</b> <u>JORGE ROBERTO RIBEIRO BRAGA JUNIOR</u>	53
<b>EJES PARA LA BÚSQUEDA DE PRÁCTICAS DE ARTE COMUNITARIO</b> <u>ARTURO CANCIO FERRUZ</u>	59
<b>TEATRO E COMUNIDADE: AÇÕES E REVERBERAÇÕES DA “SAGA BAÇÔNICA”</b> <u>RAMON AGUIAR E MAURO ANTÔNIO DE SOUZA</u>	66
<b>DIÁLOGOS COM O TERRITÓRIO</b>	
<b>O DESPERTAR DE JANAÍNA: ANÁLISE FEMINISTA DO ESPETÁCULO “CARTA 2 – A VIDA ADULTA, A MULHER” DO COLETIVO ESTOPÔ BALAIÓ</b> <u>RAÍRA ROSENKJAR</u>	74
<b>PERFORMANCE “AUTO DAS MÁSCARAS”: UMA AÇÃO DE MEDIAÇÃO NO MUSEU CIAJG/GUIMARÃES</b> <u>TIAGO MORA PORTEIRO</u>	81
<b>BUSCANDO “LA CIUDAD DEL MAÑANA/A VILA DO MAÑÃ”</b> <u>SANDRA GONZÁLEZ ÁLVAREZ</u>	92
<b>LA POÉTICA ARTÍSTICA COMO HERRAMIENTA DE ACCIÓN POLÍTICA PARA LA PROMOCIÓN DEL AFECTO: UNA ACCIÓN POÉTICO-AFECTIVA EN TERRITORIOS AFECTADOS DE LA CUENCA DEL RIO DOCE</b> <u>VANESSA FLORENTINO DE JESUS</u>	99

## **DIMENSÕES ÉTICAS, ESTÉTICAS E POLÍTICAS**

**UMA PLATAFORMA DE RESISTÊNCIA: O TEATRO E A ESCRITA CRIATIVA COM MULHERES  
TRANSGÊNERO ENCARCERADAS** 107  
SERGIO COSTA JUNIOR (SERGIO KAUFFMANN)

**GÊNERO NA ARTE: LABORATÓRIOS DE ARTE COMUNITÁRIA PARA EMPODERAMENTO DE  
MULHERES EM CASAS DE ABRIGO** 115  
AIDA RECHENA E TERESA VEIGA FURTADO

**ESCRITAS EM COMUNIDADES NEGRAS: REVELANDO NARRATIVAS SUBTERRÂNEAS** 123  
KÁTIA LETÍCIA COSTA SANTOS

**AVANÇAMOS JUNTOS — UM PROGRAMA DE INTERCÂMBIO SOBRE TEATRO NAS PRISÕES ENTRE  
TRÊS UNIVERSIDADES** 130  
ASHLEY LUCAS, NATÁLIA FICHE E VICENTE CONCILIO

## **ESTÉTICAS CONTEMPORÂNEAS E CULTURAS POPULARES: INTERSECÇÕES**

**SHIFTING GROUND – OUTRO CHÃO: COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM CIDADÃOS MIGRANTES  
RECÉM-CHEGADOS AOS PAÍSES DE ACOLHIMENTO** 138  
ANTÔNIO GORGEL PINTO E PAULA REAES PINTO

**OBJECTS REMOVED FOR STUDY** 145  
RAFAEL GUENDELMAN HALES

**VESTÍGIOS RELACIONAIS DA DANÇA EM ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE SÃO PAULO** 150  
ANA MARIA RODRIGUEZ COSTAS (ANA TERRA)

## **VISÕES INTERDISCIPLINARES E DIÁLOGOS**

**DESLOCAMENTOS SENSÍVEIS: INSCRIÇÕES PÚBLICAS DE PROJETOS COLETIVOS NA INTERFACE  
ARTE E SAÚDE NA CIDADE DE SÃO PAULO – EXPLORAÇÕES INICIAIS** 159  
ISABELA UMBUZEIRO VALENT, ELIZABETH M. F. DE ARAÚJO LIMA, ERIKA ALVAREZ INFORSATO, RENATA MONTEIRO BUELAU E ELIA-  
NE DIAS DE CASTRO

**INTERRUMORES: NOVAS IDENTIDADES SONORAS MULTICULTURAIS. FESTIVAL NEXTSTOP, LISBOA** 165  
ANA MOYA PELLITERO

**CADERNOS COLABORATIVOS: ATIVAÇÃO DE ESPAÇOS DO COMUM NA FORMAÇÃO EM SAÚDE** 174  
MARCIA MACHADO DE MORAES, FLAVIA LIBERMAN E VIVIANE SANTALUCIA MAXIMINO

**CORPO, ESPAÇO E MATERIALIDADES: O PROFESSOR DE TEATRO MEDIANDO A CRIAÇÃO DE UM  
NOVO LUGAR** 182  
CELIDA SALUME MENDONÇA

**PROJETO SONHOS: UM PROCESSO DE CRIAÇÃO COM MULHERES EM SITUAÇÕES DE  
VULNERABILIDADE** 190  
FLAVIA LIBERMAN, CONRADO FEDERICI E MARINA GUZZO

# CONFIAR | FIAR COM

**CARLA CRUZ, HUGO CRUZ, ISABEL BEZELGA, MIGUEL FALCÃO E RAMON AGUIAR**

O livro *A busca do comum: práticas artísticas para outros futuros possíveis* inscreve as reflexões e as investigações desenvolvidas por um conjunto de 38 investigadores, provenientes de 26 instituições de ensino superior e entidades artísticas e culturais de 6 países, no domínio das práticas artísticas comunitárias e multidisciplinares. É, pois, uma coletânea de textos rica, diversa, com recorrências e divergências, características muito associadas a estas práticas.

A crescente criação e produção artística que propõe a “busca do comum” tem alimentado diferentes pesquisas estéticas e produções diversas que devem ser organizadas e divulgadas. Esta publicação pretende contribuir para a produção de conhecimento científico, assim como para a sua disseminação, abrindo possibilidades de questionamento e inspiração para novas *práxis*. A criação de fóruns e instâncias de agrupamento dos diversos artistas, grupos, entidades e outros protagonistas que se debruçam na “busca do comum” também é uma necessidade. Considerando a complexidade deste campo de ação e a crescente importância que estas práticas têm vindo a adquirir nas criações artísticas contemporâneas, torna-se essencial a criação de espaços de reflexão e partilha entre todos os seus atores. O *Encontro internacional de reflexão sobre práticas artísticas comunitárias* (EIRPAC)<sup>1</sup> define-se hoje como um importante espaço de intercâmbio que vem dando visibilidade a diferentes práticas e estudos.

Em 2019, a terceira edição do EIRPAC organizou-se em torno do tema *A busca do comum – contributos das práticas artísticas para outros futuros possíveis* e ocorreu na cidade do Porto entre 16 e 18 de Setembro. O Encontro resultou de uma coorganização entre instituições de investigação e de ensino superior sediadas em Portugal e no Brasil, e as organizações PELE e MEXE sediadas no Porto – Portugal. O evento congregou 200 artistas, pesquisadores, técnicos sociais, educativos e da saúde e outros interessados que, juntos, se lançaram em apresentar e discutir produções artísticas e multidisciplinares na “busca do comum”. Juntos, realizamos cerca de 60 comunicações e 4 oficinas, apresentamos 22 pôsteres e 2 instalações, assistimos a 2 conferências de Amal Khalaf e Elizabeth Graham e de Jan Cohen-Cruz e lançamos 4 livros em volta de questões estéticas, políticas e éticas de práticas artísticas comunitárias.<sup>2</sup>

A edição de 2019 do EIRPAC, à semelhança das de 2015 e 2017, integrou a programação do *MEXE\_ Encontro Internacional de Arte e Comunidade*.<sup>3</sup> Este 3º EIRPAC foi fortemente inspirado nos movimentos sociais que emergem relativamente às transformações políticas

que proliferam pelo mundo e à emergência de novos e renovados espaços de participação e criação artística. Em momentos de inquietude e desesperança, de que forma se implicam as práticas artísticas na projeção e na construção coletiva de novas realidades e novos futuros? Neste sentido, o foco do Encontro situou-se precisamente na análise e na reflexão sobre as dimensões éticas, estéticas e políticas dos processos criativos.

Na sequência do 3º EIRPAC, foi proposto aos participantes a escrita científica baseada nas suas experiências de comunicação e de apresentação de póster. Os conferencistas também foram desafiados com o propósito de compor esta publicação. Os artigos submetidos foram avaliados de acordo com critérios académicos – revisão cega por pares de especialistas, convidados pela Comissão Editorial.

Esta publicação abre com o texto *Beyond the “Other”: Seeking Commonality in a divided world*, transcrito da conferência proferida pela autora e investigadora Jan Cohen-Cruz, reconhecida internacionalmente pelo seu trabalho em teatro socialmente comprometido, proferiu no 3º EIRPAC. A conferencista, perante o contexto atual de desafios sóciopolíticos exigentes, termina o seu texto com uma nota de esperança e dois apelos, um “aos artistas para que revelem as nuances que temos em comum”, e outro a todos nós, para que procuremos mais pessoas para gerar ideias sobre como manifestar as mais diversificadas experiências do mundo. Os demais textos aqui publicados, considerando os seus diferentes contextos culturais e de produção, estão organizados em cinco eixos: *Desafios e potências de práticas artísticas comunitárias; Diálogos com o território; Dimensões éticas, estéticas e políticas; Estéticas contemporâneas e culturas populares; Visões interdisciplinares e diálogos*. Esta organização não sugere delimitações mas caminhos de leitura em “busca do comum”. Sabemos das armadilhas de uma publicação e suas limitações. Apresentamos em seguida um recorte de um universo artístico e multidisciplinar rico e em constante transformação.

No primeiro eixo, *Desafios e Potências das Práticas Artísticas Comunitárias*, deparamo-nos com questões vitais à “busca do comum”, exploradas em sete artigos que nos falam de experiências vividas no Brasil, Chile, Espanha e Portugal. Como produzir coletivamente? Como cultivar margens e questionar centros? Como construir confiança? O que se engendra nos campos de invisibilidade? Que ações contribuem para a nossa mútua implicação? Como trabalhar em co-responsabilização? As artistas e autoras Carla Cruz e Amanda Midori, em *RASTILHO*:

1 Evento bienal com a sua primeira edição em 2015 na cidade do Porto (Portugal).

2 [https://www.mexe.org.pt/media/filer\\_public/a3/36/a336a312-db55-4f17-84de-7b7850aae236/programa\\_eirpac.pdf](https://www.mexe.org.pt/media/filer_public/a3/36/a336a312-db55-4f17-84de-7b7850aae236/programa_eirpac.pdf)

3 <https://www.mexe.org.pt/>

*Autoria, Autoridade e Autonomia na Produção Artística Coletiva*, embarcaram num processo criativo coletivo em que a produção de um gesto artístico leva à constituição de um grupo de produção cultural autónomo no seio da comunidade onde estas fizeram a sua intervenção. O processo de construção da autonomia coletiva na produção do comum é aqui analisado em detalhe. Os formandos da Pós-graduação em Intervenção Social e Práticas Artísticas – ESE-IPS, procuraram intervir em contextos comunitários, centrando a ação na “busca do comum”, conforme descrito em *Formação Académica e Projetos de Práticas Artísticas – Uma Ponte Entre o Ensino Superior e os Contextos de Intervenção Pessoal e/ou Profissional dos Formandos*, de Carla Cibebe Figueiredo, António Ângelo Vasconcelos e Pedro Miguel Felício. Criadoras e formandos procuraram formas de produção coletiva e afetiva, mas as problemáticas que estão presentes nestas práticas não são alheias a organizações financiadoras. O trabalho *Os projetos Palco Giratório e Sesc Amazônia das Artes e as novas cartografias das artes cênicas brasileiras*, de Vicente Carlos Pereira Junior, dá-nos a conhecer os projetos que demonstram o conhecimento e a promoção das culturas e das identidades brasileiras, e que questionam como uma política cultural que:

(...) em detrimento de hierarquias e dicotomias como arte erudita/arte popular, arte profissional/arte amadora, arte utilitária/arte desinteressada, fala não mais em públicos de cultura, mas compreende cada indivíduo, em seu cotidiano, como produtor e veiculador de culturas (...) (Junior, 2000).

*Chanquin@s a Escena: Posibilidades de Encuentro en la Narración de Historias: análisis de dispositivos creativos que actúan como clickbaits promotores de participación*, de Paulina Martínez Marín, é um projeto de investigação/acção participativa com crianças e jovens que encorajou a comunidade a explorar o espaço físico que a rodeia através da narrativa, memória e imaginação. Participação e os mecanismos que levaram a comunidade alargada a essa participação, são os pontos de foco desta reflexão. O trabalho *As Relações Entre Teatro e Território nos Processos de Criação do Grupo Código*, de Jorge Roberto Ribeiro Braga Júnior, explora os diálogos do teatro com territórios específicos que “a partir de mecanismos de aproximação indicam uma forte tendência contemporânea presente nos processos de criação empreendidos por grupos da periferia.” Aproximando-nos de questões da potencialidade das margens para a produção de cultura contra-hegemónica e para a abertura de novos territórios. *Ejes para la Búsqueda de Prácticas de Arte Comunitario*, de Arturo Cancio Ferruz, enfatiza a necessidade de analisarmos as práticas artísticas socialmente comprometidas com um foco interdisciplinar de forma a destacar o seu potencial para: auxiliar a produção de comunidades divergentes, transformar contextos e verificar equilíbrios entre aspectos estéticos e sociais destas práticas. *Teatro e Comunidade: Ações e Reverberações da “Saga Baçônica”*, de Ramon Aguiar

e Mauro Antônio de Souza, traça o percurso cultural do Grupo de Teatro São Gonçalo do Baçã – Itabirito, MG (Brasil). Este Grupo, na sua dinâmica de trabalho, protege e valoriza a sua comunidade rural de origem, ressignificando-a na contemporaneidade: suas práticas culturais e sua identidade coletiva.

No segundo eixo, *Diálogos com o território*, encontramos as reverberações de múltiplas cartografias. E como não? Em distintas paisagens – ora feitas de pedra, ferro e cor, ora de arvoredos, águas e sons orquestrados –, são as gentes e as suas histórias que escutamos. Nos caminhos percorridos juntos, elas se cruzam, se descobrem e se desdobram. Tantos caminhos, tantos caminhos... Este foi o tempo em que Márcia Pompeo Nogueira<sup>4</sup> não se “fez presente” para percorrer nossos caminhos. Mas o seu alento ecoa na nossa “busca do comum”. Perguntámo-nos:

— Que dinâmica podemos encontrar para garantir essa ligação ao/no território?

— Não esquecer!

Não esquecer nunca de onde viemos juntos! Cuidar do que fica e amorosamente preparar a bagagem da partida, para que nada se perca. Fincar os pés nessa terra e saber que é daqui que levantamos voo. Os artigos que nesta secção se congregam mobilizam memória, afeto e acção poética, como forma de participação e cidadania. Trilham caminhos por distintas geografias, refutando a permanência de “invisibilidades” várias, pela afirmação de um fazer coletivo. Tal é perceptível na construção sustentável de uma existência que respeite a natureza e o território, como o que decorre do refluxo de grave desastre ambiental. Em *La Poética Artística como Herramienta de Acción Política para la Promoción del Afecto: una acción poético-afectiva en territorios afectados de la cuenca del Rio Doce*, de Vanessa Florentino de Jesus, a acção artística visa uma “(...) regeneración afectiva, que permita la posibilidad a las personas de se sentirse parte del mundo otra vez”.

No segundo artigo deste eixo *O Despertar de Janaína: Análise feminista do Espetáculo “Carta 2 – A Vida Adulta, a Mulher” do Coletivo Estopô Balaio*, de Raíra Rosenkjar, reinventam-se sentidos de comunidade que liguem margens e centros, através de um movimento de “(...) escavação das superfícies que encobrem os lençóis freáticos da memória (...) espaço/tempo onde o passado erupciona constantemente misturando-se ao presente e a ficcionalização”. A confiança nas novas gerações e o que podemos desenvolver desde já em projectos educativos e comunitários, para que a cidade possa ter devolvido o seu destino de *pólis* é o que questiona o texto *Buscando “La Ciudad del Mañana/A Vila do Mañá”*, de Sandra González Álvarez, “(...)¿cómo podría la ciudad ser ese lugar de reunión e intercambio de nuevo? ... ¿cómo hacer para que la ciudad sea de nuevo nuestro lugar? (...)”.

O último texto desta secção *Performance “Auto das Máscaras”: Uma Ação de mediação no Museu CIAJG/Guimarães*, de Tiago Mora Porteiro, apresenta-nos detalhadamente a pesquisa performativa realizada em contexto

4 Artista e pesquisadora em arte e comunidade (1952-2019).

museológico reflectindo, nomeadamente, sobre a ocupação de espaços públicos, tradicionalmente percebidos como elitistas, onde se “(...) tem sabido arquitetar cruzamentos e ‘colisões’, por vezes improváveis (...) [e] reflexão sobre a diversidade enquanto forma de construção da identidade”. Do cruzamento das artes e das comunidades, nas suas múltiplas configurações, emergem conceções e práticas que, por um lado, demonstram o poder e o alcance da complementaridade de distintos modos de criação e intervenção e, por outro lado, comprovam que não há limites na ambição de aproximar os – aparentemente – mais distantes campos de interesse e atuação.

As *Dimensões Éticas, Estéticas e Políticas*, terceiro eixo, alicerçam produções em arte e comunidade e potencializam artistas e grupos – suas poéticas – como agentes de transformação. Como transitar entre os diferentes poderes que nos atravessam? Como cultivar margens e questionar centros? A memória, as relações interpessoais, as vivências sociais e suas ideologias são os temas e objetos de pesquisas e das criações artísticas deste eixo. Nesta publicação, com destaque para as relações de gênero, tema contemporâneo debatido em diversos contextos mas ainda gerador de conflitos. A ousadia de dinamizar oficinas de teatro numa prisão é o desafio proposto no artigo *Uma Plataforma de Resistência: o Teatro e a Escrita Criativa com Mulheres Transgênero Encarceradas*. Sergio Costa Junior (Sergio Kauffmann) apresenta-nos uma realidade crua e potente: a realidade de mulheres transgênero marginalizadas e enclausuradas de duas formas: pela sua condição de prisioneiras e pela intolerância social. O trabalho em teatro e comunidade (oficina) é desenvolvido através de estágios de estudantes de cursos de formação de atrizes e atores, mas também de pesquisas de pós-graduação que contribuem para criar um espaço ficcional de rompimento, de afirmação e de conquista no que tange a condição de mulheres transgênero encarceradas. O texto contribui para as discussões sobre o papel social da arte e sua potência de conscientização e transformação. Em *Gênero na Arte: Laboratórios de Arte Comunitária para Empoderamento de Mulheres em Casas de Abrigo*, segundo artigo deste eixo, as autoras Aida Rechen e Teresa Veiga Furtado discorrem sobre os trabalhos desenvolvidos através dos “Laboratórios de Arte Comunitária para Empoderamento de Mulheres em Casas de Abrigo”. Segundo elas, o desenvolvimento do projeto posiciona-se nas Artes Visuais e na Museologia Social, em cruzamento com as Teorias Feministas e Estudos de Gênero. O projeto organiza-se em Laboratórios práticos e experimentais dirigidos a um grupo de mulheres vítimas de violência de gênero e violência doméstica e objetiva o auto-empoderamento através da arte comunitária e “estética conectiva”. *Fluidez de gênero* e *Herstory* são apresentados como conceitos base de inspiração e análise dos trabalhos desenvolvidos. Em *Escritas em Comunidades Negras: Revelando Narrativas Subterrâneas*, Kátia Letícia Costa Santos descreve parte de sua pesquisa de mestrado intitulado *Vozes do Porvir – Narrativas Subterrâneas e Dramaturgias Latentes*. Segundo a autora, o trabalho tem como referências epistemológicas a Afrocentricidade, o “Mulherismo Afrikana”

e as ideologias Pan-Africanistas, em diálogo com experiências dos povos negros descritas por mulheres que, segundo a autora, “(...) ao contar suas histórias vividas, revelam as complexidades relacionadas à questão racial e se constituem como mote para processos criativos em dramaturgias e cena”. A pesquisa tem como território o “Parque Florestal”, uma comunidade negra e periférica localizada na Região Metropolitana de Salvador, Bahia. A autora desenvolve um trabalho instigante baseado em oficinas de escrita narrativa voltadas para as mulheres da comunidade. Os resultados, segundo a autora, são registos da historicidade do povo negro daquela região, são as suas memórias. As histórias e o seu potencial biográfico contribuem para um olhar transversal sobre a realidade em busca de simbolismos e poéticas. O artigo apresenta a primeira fase do trabalho em andamento com finalização prevista para 2020, aquando da apresentação de obra cênica. O artigo *Avançamos Juntos – Um Programa de Intercâmbio Sobre Teatro nas Prisões Entre Três Universidades*, de Ashley Lucas, Natália Fiche e Vicente Concilio, olha detalhadamente para as influências de um programa de intercâmbio entre três programas de teatro em prisões situados em universidades nos Estados Unidos e Brasil. Esse programa permite que estudantes e professores de ambos os países possam visitar e intervir em prisões de ambos os países, apesar da diferença significativa nos sistemas de justiça criminal de cada país. O resultado é “o nível de prática e influência artística que esses programas têm uns sobre os outros (que) se aprofundou e se expandiu ao longo dos anos”.

O quarto eixo, *Estéticas Contemporâneas e Culturas Populares*, destaca dois textos centrados na diversidade cultural e no seu contributo para repensar modos de ação no território das interseções enunciadas. Considerando a tensão contínua, mas criativa e complementar, entre as propostas contemporâneas e as culturas populares, destacam-se dois projetos concretos com migrantes nos EUA e Portugal e mulheres da comunidade iraniana de Londres. O primeiro texto da autoria de António Gorgel Pinto e Paula Reaes Pinto, *Shifting Ground – Outro Chão: Colaboração Artística com Cidadãos Migrantes Recém-chegados aos Países de Acolhimento*, revela um projeto assente na relação construtiva entre academia (reflexão) e prática (ação), em dois países. O projeto em questão baseou-se na *transmedia* numa lógica comunitária e no *jogo* como dispositivo com múltiplas funções. Sublinhasse, neste contributo, uma perspetiva integrada do lugar (humana, social, política, cultural, histórica, geográfica e ecológica), tal como acontece no texto *Objects Removed for Study*, de Rafael Guendelman Hales, assim como uma abordagem que recorre à cerâmica e que parece ter permitido diálogos entre culturas e tempos muito distintos. Especificamente, este último, visibiliza e reflete um projeto que procurou desenvolver um pensamento crítico sobre a identidade num mundo contemporâneo caracterizado pelos deslocamentos migratórios. Partindo de objetos do passado e das relações históricas “colonizador/colonizado”, propôs-se desenvolver e articular, a partir daí, outras possibilidades relacionais com um carácter atual. Finalmente, o terceiro texto desloca a linguagem para a

área performativa, nomeadamente para a dança. O texto *Vestígios Relacionais da Dança em Espaços Públicos da Cidade de São Paulo*, de Ana Maria Rodriguez Costas (Ana Terra), dá conta de uma reflexão sobre duas ações distintas, mas complementares: a curadoria de uma exposição virtual e uma investigação centrada nos “processos de criação e pedagogias da dança”. Com base num mapeamento aprofundado e colaborativo de vários coletivos de dança de São Paulo, a autora revela diálogos estabelecidos entre estéticas populares e a dança contemporânea, assim como protagonistas e dinâmicas territoriais diversas nas suas múltiplas relações.

No quinto e último eixo, *Visões Interdisciplinares e Diálogos*, quatro artigos testemunham projetos pensados e desenvolvidos em diferentes latitudes, a partir de lugares de diálogo colaborativo e participativo. Em *Deslocamentos Sensíveis: Inscrições Públicas de Projetos Coletivos na Interface Arte e Saúde na Cidade de São Paulo – Explorações Iniciais*, de Isabela Umbuzeiro Valent, Elizabeth M. F. de Araújo Lima, Erika Alvarez Inforsato, Renata Monteiro Buelau e Eliane Dias de Castro, arte, saúde e cultura cruzam-se com a finalidade de construir e tornar visíveis redes e cooperações com coletivos artísticos e culturais, favorecendo “a criação de pistas para a multiplicação de metodologias de resistência e enfrentamento de processos de institucionalização, hegemonização dos modos de fazer e padronização”. Em *Interrumores: Novas Identidades Sonoras Multiculturais: Festival Nextstop, Lisboa*, de Ana Moya Pellitero, os cruzamentos operam-se entre música, ilustração e tecnologias digitais, com vista a “dar forma e representar a identidade da paisagem sonora” de quatro bairros de Lisboa, tendo como pontos de partida para a criação artística as pesquisas e as narrativas subjetivas de quarenta adolescentes de dez nacionalidades. Em *Cadernos Colaborativos: Ativação de Espaços do Comum*

*na Formação em Saúde*, de Marcia Machado de Moraes, Flavia Liberman e Viviane Santalucia Maximino, o foco incide nas experiências de cocriação poética na formação em saúde, através da implementação do “Caderno Colaborativo” no processo formativo de universitários, tendo em conta as potencialidades deste recurso enquanto “prática artística usada tanto por artistas visuais quanto no meio poético e literário para partilhar anotações e reflexões, além de desenvolver interações entre os seus autores”. Em *Corpo, Espaço e Materialidades: o Professor de Teatro Mediando a Criação de Um Novo Lugar*, de Celida Salume Mendonça, o teatro e a educação são campos de fusão, com práticas que assumem o professor como agente político e a escola como espaço de desenvolvimento “de experiências individuais e de uma nova visão do mundo, construindo identificações que são compartilhadas num território comum que tem um papel social”. Em *Projeto Sonhos: Um Processo de Criação com Mulheres em Situações de Vulnerabilidade*, de Flavia Liberman, Conrado Federici e Marina Guzzo, entre sonhos dormindo e sonhos a serem inventados, entre outros, são discutidas as práticas corporais e artísticas e a performance-espetáculo pública a que deram origem, procurando ativar a sensibilidade de todos nós “para a produção do comum, para a invenção concreta de outras realidades, outros modos de estar na vida”.

A difícil mas gratificante tarefa de organização desta publicação foi um desafio a muitas mãos. As diversas vozes e escutas de tantos trabalhos em Arte e Comunidade lançou-nos nessa *busca do comum*. Um outro futuro é possível? Acreditamos que sim, a exemplo do conteúdo desta publicação: tantos projetos que viabilizam ações artísticas e multidisciplinares comprometidas com contextos culturais, sociais, políticos específicos, mas que, em seu conjunto, compartilham e contribuem para as bases de um mundo solidário, sustentável e criativo.

## BIOGRAFIAS

### SHORT BIO

Carla Cruz artista, investigadora do i2ADS e docente universitária. Doutorada em práticas artísticas pela Goldsmiths University of London, com o apoio da FCT. 2016 foi Investigadora Associada pela AHRC Cultural Engagement fund, tendo como foco o centro comunitário londrino, The Mill. Carla foi co-fundadora do coletivo feminista de intervenção artística ZOiNA (1999-2004), e da Associação Caldeira 213 (1999-2002); entre 2005 e 2013 coordenou o projeto expositivo feminista All My Independent Wo/men.

Hugo Cruz desenvolve o seu trabalho no espaço da criação artística e participação cívica e política. Cofundador da PELE e Nómada. Doutorando no CIIE-UP e CHAIA-UE. Diretor artístico do MEXE. Coordenou os livros “Arte e Comunidade” e “Arte e Esperança” editados pela Fundação Calouste Gulbenkian onde é consultor no âmbito do PARTIS (Práticas Artísticas e Inclusão Social).

Isabel Bezelga professora Auxiliar da Universidade de Évora. Docente nos Departamentos de Artes Cénicas e de Pedagogia e Educação. Directora de Curso do Mestrado em Teatro – Interpretação/Encenação e membro das CEA da Licenciatura em Teatro e Mestrado em Educação Pré-Escolar. Doutorada em Teatro pela Universidade de Évora e especializada em Teatro Educação e Metodologias Artísticas. Investiga no âmbito das práticas artísticas participativas no CHAIA-UE e colabora no IELT/FCSH – Universidade Nova de Lisboa e CIEP –UE. Tem desenvolvido actividades de criação, coordenação e consultoria em projectos artísticos, educacionais e socioculturais, tendo como foco a promoção das Artes, participação e colaboração em espaço público.

Miguel Falcão professor Coordenador da ESELx-IPL, onde coordena o Mestrado em Educação Artística – Teatro e Artes Plásticas e as pós-graduações em Marionetas

e Formas Animadas e em Animação de Histórias. Investigador do CET-FLUL. Doutorado em Estudos de Teatro. Tem desenvolvido atividade como programador de festivais e projetos comunitários.

*Carla Cruz is an artist, educator and researcher at i2ADS. She holds a PhD in Art Practice by Goldsmiths University of London, with the support of FCT. In 2016, she was an Associate Researcher with the AHRC Cultural Engagement fund, focusing on the London community hub, The Mill. Carla was co-founder of the feminist collective of artistic intervention ZOiNA (1999-2004), and of Caldeira 213 association (1999-2002); between 2005 and 2013 she coordinated the feminist exhibition project All My Independent Wo/men.*

*Hugo Cruz works in the fields of artistic creation and civic and political participation. Co-founder of PELE and Nómada. Doctoral student at CIIE-UP e CHAIA-UE. Artistic director of MEXE. He edited the books "Art and Community" and "Art and Hope" by Calouste Gulbenkian Foundation. Consultant in PARTIS (Artistic Practices for Social Inclusion).*

*Isabel Bezelga professor at University of Évora, teaching at the Theatre Arts Department and Educational Department. She runs the MA in Theatre and took part*

*Ramon Aguiar pedagogo (UFMG) e pós-doutorado (CAPES) em Teatro e Comunidade (ESTC). Doutor em Artes Cênicas (UNIRIO). Docente da UEMG e colaborador do Grupo de "Estudos do Espaço Teatral e Memória Urbana" (UNIRIO); do IELT (UNL) e CHAIA (UE). Ator e diretor.*

*in the coordination team of the Theatre Degree and MA in Education. PhD in Theatre in the area of Community Theatre and Specialization in Theatre Pedagogy and Artistic Methodologies. Researcher at CHAIA/UE on Community Theatre/Participatory Arts. I&D collaboration at IELT/FCSH – UNL and CIEP –UE. Creator, adviser and project leader at artistic, educational and social levels.*

*Miguel Falcão associate Professor at ESELx-IPL, where he coordinates the Master in Arts Education - Theater and Plastic Arts and the postgraduate courses in Puppets and Animated Forms and in Stories and Performance. Researcher at CET-FLUL. PhD in Theater Studies. Has developed activity as a programmer for festivals and community projects.*

*Ramon Aguiar. Pedagogy (UFMG) and postdoctoral (CAPES) in Theater and Community (ESTC). Doctor of Performing Arts (UNIRIO). Professor at UEMG and collaborator of the "Laboratório de Estudos do Espaço Teatral e Memória Urbana" (UNIRIO); IELT (UNL) and CHAIA (UE).*

# BUSCANDO “LA CIUDAD DEL MAÑANA/A VILA DO MAÑÁ”

## THE SEARCH FOR “THE CITY OF TOMORROW/A VILA DO MAÑÁ”

**SANDRA GONZÁLEZ ÁLVAREZ**

PØStarquitectos, España

Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de A Coruña, España

### RESUMEN

#### ABSTRACT

“La Ciudad del Mañana/A Vila do Mañá” es un proyecto educativo cuyo objetivo es que, desde la infancia y con el juego como herramienta se tome conciencia de todas las escalas de lo común: el patrimonio tangible e intangible, la arquitectura, el urbanismo y el paisaje. Es necesario que la infancia esté activamente presente en los procesos de construcción del espacio común (plaza, barrio, ciudad...); para ello, es crucial que descubran y conozcan el valor de su entorno; Al mismo tiempo, deben proporcionarseles herramientas para desarrollar su creatividad, desde el arte y la arquitectura. El objetivo es provocar en ellos el despertar de una nueva mirada a los espacios en los que desarrollan su vida. Al mismo tiempo, desde la disciplina arquitectónica, se descubre una nueva visión de la ciudad, una visión que nos traerá quiénes serán los

habitantes del mañana. Para trabajar con los jóvenes y comprender y transformar su entorno, confiamos en las estrategias del arte y la arquitectura. Nuestras herramientas de transformación serán el punto, la línea y el plano (basadas en Vassily Kandinsky); a lo que añadiremos el elemento tridimensional, reconsiderando los “dones” del proceso de aprendizaje de Friedrich Froebel. Los niños nos dirán cómo es su ciudad a través de un gran marco dorado, como lo hizo Lorraine O’Grady. Trabajarán con la escala humana y su relación con la ciudad, según las experiencias de Yves Klein. Su percepción del entorno más cercano se modificará utilizando el fenómeno de “extrañamiento” de Viktor Shklovski... y su visión de la villa/ciudad en que habitan se verá transformada e interiorizada.

*The City of Tomorrow is an educational project whose objective is that from childhood and with the game as a tool, becomes aware of all the scales of the common: the tangible and intangible heritage, architecture, urbanism and landscape. It is necessary that childhood be present actively in the processes of construction of the common space (square, neighborhood, city...); for this it is fundamental that they discover and know the value of their environment; At the same time it is necessary to provide them with tools to develop their creativity, from art and architecture. The aim is to provoke in them the awakening of a new look on the spaces in which they develop their life. At the same time that from the architectural discipline discover a new vision of the city, a vision that will bring us who will be the inhabitants of tomorrow. To*

*work with the youngest and to be able to understand and transform their environment, we have based on strategies of art and architecture. Our tools of transformation will be the point, the line and the plane (based on Vassily Kandinsky); to which we will add the three-dimensional element, rethinking the “gifts” of Friedrich Froebel’s learning process. The children will tell us what their city is like, through a large golden frame, like Lorraine O’Grady did. They will work with the human scale and its relationship with the city, based on the experiences of Yves Klein. His perception of the nearest environment will be modified, using the phenomenon of “defamiliarization” of Viktor Shklovski... and their vision of the town / city in which they live will be transformed and internalized.*

### PALABRAS-CLAVE

#### KEYWORDS

Arte comunitaria; Infancia; Ciudad.

Community art; Childhood; City.



## INTRODUCCIÓN

En un tiempo tuvimos miedo del bosque. Era el bosque del lobo, del ogro, de la oscuridad. Era el lugar donde nos podíamos perder. Cuando los abuelos nos contaban cuentos, el bosque era el lugar preferido para ocultarse los enemigos, las trampas, las congojas. (...) En un tiempo, nos sentimos seguros entre las casas, en la ciudad, con el vecindario. Éste era el sitio donde buscábamos a los compañeros, donde los encontrábamos para jugar juntos. Allí estaba nuestro sitio, el sitio donde nos escondíamos, donde organizábamos la pandilla, donde jugábamos a mamás, donde escondíamos el tesoro... (...) Pero en pocas décadas, todo ha cambiado. Ha habido una transformación tremenda, rápida, total, como nunca la había visto nuestra sociedad (al menos según consta en la historia documentada). (...) El bosque ha pasado a ser bello, luminoso, objeto de sueños y de deseos. La ciudad, en cambio, se ha convertido en algo sucio, gris, monstruoso. (...) En los últimos decenios, y de una manera totalmente evidente en los últimos cincuenta años, la ciudad, nacida como lugar de encuentro y de intercambio, ha descubierto el valor comercial del espacio y ha alterado todos los conceptos de equilibrio, bienestar y comunidad para seguir solamente programas de provecho, de interés. Se ha vendido, se ha prostituido. (...) La ciudad es ahora como el bosque de nuestros cuentos. (Tonucci, 1997, p. 289)

El psicopedagogo italiano Francesco Tonucci (1997) nos hace cuestionar ¿Cómo podemos recuperar la identidad de la ciudad? ... ¿Cómo podemos hacer para que nuestro patrimonio no se pierda? ... ¿cómo podría la ciudad ser ese lugar de reunión e intercambio de nuevo? ... ¿cómo hacer para que la ciudad sea de nuevo nuestro lugar? ... estos son los problemas que nos llevan a crear el

## OBJETIVOS

En los tiempos en que vivimos, donde todo está a un *click* de distancia, donde volar sobre Tokio o Nueva York está al alcance de la mano, donde puedo visitar el Partenón desde la pantalla... hemos olvidado el lugar donde habitamos. Las nuevas generaciones, los habitantes del mañana, desconocen por completo el pueblo o la ciudad que habitan, viven en una “cajita”, se mueven en otra “caja” más pequeña y llegan a una “caja” más grande (llamada escuela, centro comercial, ... o polideportivo). Esta es su relación con su entorno. La realidad actual, y como hemos observado en los diferentes talleres de “A Vila do Mañá”, es que la conexión natural entre los niños/as y su hábitat, el lugar donde crecen y se desarrollan, la ciudad/villa en el que viven, está diluida, apenas existe. Encontramos niños en sus casas, viendo la televisión, con sus videojuegos, jugando en sus urbanizaciones valladas y vigiladas, moviéndose en un automóvil y descubriendo la ciudad desde su ventanilla, donde el parque o la plaza han sido reemplazados por el centro comercial. La ciudad es un medio hostil para ellos, han perdido su

proyecto “A Vila do Mañá”.

“A Vila do Mañá” es un proyecto educativo cuyo objetivo es, que desde la infancia/adolescencia y a través del juego, se tome conciencia de todas las escalas de lo común: el patrimonio tangible e intangible, la arquitectura, el urbanismo y el paisaje. A la vez que desde la disciplina arquitectónica se obtenga una nueva visión de la ciudad, que es aquella que nos aportan los que serán los habitantes del mañana.

Creemos que es necesario que la niñez y la adolescencia estén activamente presentes en los procesos de construcción del espacio común (plaza, vecindario, ciudad...) proporcionándoles las herramientas necesarias para conocer el valor de su entorno y desarrollar su creatividad desde el arte y la arquitectura. El objetivo es provocar en ellos el despertar de una nueva mirada sobre los espacios en los que desarrollan su vida.

El proyecto se está desarrollando a través de diferentes talleres en distintas villas/ciudades de Galicia/España, hasta el momento se ha trabajado con 2500 niños de entre 3 y 15 años, en 14 villas/ciudades gallegas (Rianxo, Bertamiráns, Milladoiro, Verín, Mondoñedo, A Pobra do Caramiñal, Riveira, Bueu, Vilagarcía de Arousa, Cambados, Carballo, Ferrol, Malpica y Arteixo) y se ha puesto a prueba cambiando de escala en la ciudad de São Paulo (Brasil), está a cargo del equipo de PØStarquitectos, financiado por los diferentes ayuntamientos, y recibe el apoyo de la ETSAC (Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de A Coruña), UPM (Universidade Presbiteriana Mackenzie), COAG (Colegio Oficial de Arquitectos de Galicia), APATRIGAL (Asociación para la Defensa del Patrimonio Cultural de Galicia) e Instituto Brasileira.

libertad, la cual se limita a ciertos recintos considerados seguros y controlados por adultos. Estamos transmitiendo el mensaje de miedo que se siente actualmente en la sociedad y, como consecuencia, el lugar donde viven, no es seguro para ellos.

Frente a esta imagen del espacio público de hoy, “A Vila do Mañá” comienza por entender la ciudad como una herramienta educativa, no neutral, a la que nos acercamos desde el juego.

Ya saben lo que ocurre tras una gran nevada: El niño se convierte temporalmente en el Señor de la Ciudad. Los pueden ver corriendo en todas direcciones, recogiendo nieve de los coches congelados. Un gran truco del cielo, éste. Una corrección temporal en beneficio de los descuidados niños. Depende de ustedes ahora concebir algo más permanente que la nieve.

Aquello que conciben no deberá ser algo aislado, o un grupo de cosas aisladas, sino algo que puede ser repetido en diferentes lugares de la ciudad. La ciudad deberá ser

capaz de absorberlos estéticamente y físicamente, formando parte de la trama urbana. Debe ser tan elemental que responda a la disposición y los movimientos de los niños, y active su imaginación. (van Eyck, 2008).

Recuperamos algunas de las ideas propuestas por el arquitecto holandés Aldo van Eyck (2008), en las que le daba la oportunidad al niño de descubrir la ciudad desde su propio movimiento, que debe desarrollarse a través de sus juegos, que es su forma natural de conocer el mundo. Somos conscientes de que, en este momento,

esto genera un conflicto en las calles y plazas, lo cual queremos provocar, resaltar y mostrar desde los talleres; ¿Qué pasa cuando los espacios de nuestras ciudades están ocupados por niños jugando? ¿Cómo se sienten los niños? ¿Cómo reaccionan los adultos? ¿Cómo se puede transformar la ciudad? A partir de este conflicto, queremos transformar la imagen de la ciudad/villa que tienen los que son y serán sus futuros habitantes, al mismo tiempo, hacerlos visibles en esos espacios ante los ojos de los adultos.



**Figura 1.** Invadiendo espacios urbanos que habitualmente nos están vetados. Taller: “A Vila do Mañá, Vilagarcía de Arousa”. (PØSTarquitectos).

Otra idea que fundamenta nuestro proyecto “A Vila do Mañá” surge del derecho a la ciudad, tal como lo defendía Henri Lefebvre (1901-1991), por el cual las personas que viven en ella tienen derecho a su disfrute, transformación y a que refleje su manera de entender la vida en comunidad. Desde este punto de vista, cómo no incluir el derecho de los niños y niñas a la ciudad. Por esto, consideramos el espacio público como un espacio común de aprendizaje y construcción colectiva en el que la infancia debe tener su lugar.

Queremos dar voz a los que normalmente no la tienen, los niños/as y adolescentes, impulsando su derecho a formarse un juicio propio sobre el hábitat en el que viven y poder expresarlo. Buscamos estimular una actitud crítica para promover su desarrollo como ciudadanía activa, ya que serán responsables de la ciudad del futuro. Conformando, por tanto, los cimientos de una ciudadanía crítica.

Queremos trabajar en los espacios públicos para transformarlos en espacios comunes. Como afirma el

geógrafo y teórico social David Harvey (1935), es necesario que los ciudadanos se apropien de los espacios públicos urbanos a través de la acción política para convertirlos en espacios comunes. Las plazas y calles, el paisaje con sus elementos, el mobiliario, los vacíos... son bienes comunes que buscamos que los niños reconozcan como propios desde diferentes puntos de vista: desde la historia, sus usos, su evolución y sus transformaciones.

Nuestro principal objetivo es que la infancia y la adolescencia estén activamente presentes en los procesos de construcción del espacio común, brindándoles las herramientas necesarias para desarrollar su creatividad desde el arte y la arquitectura, a fin de provocar en ellos el despertar de una nueva imagen y generar una identidad con los espacios en los que desarrollan su vida.

Se pretende que adquieran un mayor conocimiento de la ciudad/villa en la que viven; una apropiación de los espacios que les son vetados a diario; el movimiento con libertad en las plazas; el empoderamiento espacial

junto con otros niños favoreciendo su convivencia; la valoración del lugar donde viven con una nueva mirada sobre su hábitat; hacerlos responsables del medio

ambiente; que conozca a su vez los elementos que conforman el lugar inmaterial y, sobre todo, demuestren su capacidad transformadora.



Figura 2. Transformando espacios urbanos, capacidad transformadora de la infancia. Taller: “A Vila do Mañá, Ferrol”. (PØStarquitectos).

Con “A Vila do Mañá”, la ciudad en la que viven no es una idea abstracta ni una serie de pequeñas imágenes parciales; Comienza a entenderse como un entorno mucho más complejo e integral, que nos acerca a la noción de hábitat: el espacio que trasciende su ubicación física en un territorio, en el que resolvemos nuestras necesidades estableciendo relaciones con otras personas y con el medio tanto natural como construido; implicando procesos en los que se transforma pero en los que también nos transformamos. El hábitat también implica la memoria y lo simbólico de la comunidad. En definitiva, el hábitat como sistema de relaciones y procesos que se generan entre tres elementos: la naturaleza, la sociedad y el habitante.

Queremos que los niños aprendan a mirar el lugar donde viven, aportándoles dos herramientas poderosas: el arte y la arquitectura. Son dos elementos que nos

ayudan a aprehender el mundo y, lo más importante, también a transformarlo. Para ello, se combinan herramientas de diferentes disciplinas, ya que se intenta introducir a los niños/as conceptos de arquitectura, arte, paisaje, planificación urbana y sostenibilidad.

El lenguaje fundamental en la infancia es el juego, por lo que las actividades se basan en él. Los niños juegan, se divierten y descubren elementos de su villa/ciudad desconocidos hasta el momento. Aprender jugando.

En “A Vila do Mañá”, participan estudiantes de arquitectura que buscan formas de sintetizar conceptos como el patrimonio, la arquitectura, el urbanismo y el paisaje para transmitirlos a los niños/as; al mismo tiempo que ellos mismos aprenden de los más pequeños, rompen con la educación reglada, olvidando las cifras, las normas y las técnicas urbanísticas, y aprenden a entender las necesidades de los ciudadanos del mañana. Aprender enseñando.

## METODOLOGÍA

Los talleres de “A Vila do mañá” tienen una duración de cinco días, en los cuales la ciudad en la que trabajamos se convierte en nuestro tablero de juego, en nuestro laboratorio de experimentación. Aprendemos jugando.

Las actividades llevadas a cabo en los talleres: “A Vila do Mañá”, se estructuran a través de seis conceptos

fundamentales: la percepción, la escala, el espacio, la ciudad, el paisaje y la sostenibilidad junto con cuatro herramientas necesarias: el punto, la línea, el plano y el elemento tridimensional. Para desarrollar estos seis conceptos, se utilizan estrategias del arte y la arquitectura.

**Percepción:**

La percepción del cuerpo en sí, así como la percepción del entorno que nos rodea, son conceptos fundamentales en los talleres de “A Vila do Mañá.”

Trabajamos con la percepción de dos maneras muy diferentes. En primer lugar, necesitamos saber cómo es la visión de los niños/as sobre la ciudad que habitan. Para ello, basándonos en Guy Debord (1959), salimos a la “deriva” acompañados por un gran marco dorado, de modo que en nuestro recorrido se irán enmarcando aquellos elementos de la ciudad que son importantes para ellos, en ocasiones nos llevamos gratas sorpresas y el elemento fundamental de su ciudad son las personas, en la mayoría de las ocasiones los elementos protagonistas son superficies comerciales.

Continuando trabajando con la percepción, tratamos de provocar en los niños/adolescentes una nueva visión

de su entorno, buscando romper con lo conocido y que puedan percibir los mismos lugares de una manera diferente. Nos basamos para esta experiencia en el concepto de “extrañamiento”, un concepto literario desarrollado por Viktor Shklovski (1893-1984) y definido en *Teoría de la literatura de los formalistas rusos* Jakobson, Tinianov, Eichenbaum, Brik, Shklovski, Vinogradov, Tomashevski, por Tzvetan Todorov (1970). Según su teoría, la vida cotidiana hace que “la frescura en nuestra percepción de los objetos se pierda”, haciendo que todo se automatice. Ya no observamos lo que nos rodea, ya no miramos los objetos o los lugares que conocemos, porque nos son habituales. El arte presenta objetos desde otra perspectiva, los aleja de su percepción automatizada y cotidiana, les da vida en sí mismos y en su reflejo en el arte. Usando este concepto, hemos llegado a convertir una plaza en un gran océano, o incluso pintar grafitis en el aire.



Figura 3. Transformando la percepción de la ciudad. Taller: “A Vila do Mañá, Vilagarcía de Arousa”. (PØStarquitectos).

**Escala:**

En los talleres de “A Vila do Mañá” presentamos el concepto de escala humana relacionándolo con la escala urbana. A partir de tomar conciencia de las dimensiones de nuestro propio cuerpo, podemos abordar otras

dimensiones, como la ciudad y el territorio. Es una ruta perceptiva que colocamos entre la mano, que representa lo cercano, y el horizonte, lo más distante captado por nuestros sentidos.



Figura 4. Trabajando con la escala. Taller: "A Vila do Mañá, Ferrol". (PØStarquitectos).

#### Espacio:

Buscamos trabajar desde el espacio de la arquitectura y la ciudad a través de la experimentación con la luz, la textura, el color, el sonido,... El instrumento es el cuerpo, que viaja, construye y toca los espacios con todos los sentidos expuestos.

#### Ciudad:

Consideraremos la ciudad como nuestro tablero de juego, nuestro laboratorio de experimentación. Intentaremos entender su estructura, su conformación morfológica, sus llenos y vacíos, su historia, sus tradiciones... porque como nos afirmaba Leon Battista Alberti nuestra ciudad tiene que ser nuestra casa, "(...) porque una ciudad, según la opinión de los filósofos no es más que una gran casa, y por otra parte la casa es una pequeña ciudad (...)" (Alberti, 1975)

El instrumento es el cuerpo, que recorre el espacio con todos los sentidos desplegados. Los niños/adolescentes se convierten por unos días en pensadores de la ciudad, se apropian de los espacios, los hacen suyos. Ellos diseñan e inventan sus propios espacios de juego, modifican la ciudad, la viven y la disfrutan.

Las herramientas que usaremos para realizar las

transformaciones en la ciudad serán el punto, la línea y el plano como los definió Vassily Kandinsky (1993) en su obra *Punto y línea sobre el plano*, a la que le añadiremos el elemento tridimensional basándonos en los métodos pedagógicos que Friedrich Froebel (1826) define en su obra principal *Die Menschenerziehung* (La educación del hombre).

#### Paisaje:

Interacción entre el paisaje construido, el paisaje natural y los territorios intermedios. Comprender cómo las personas construyen el paisaje y cómo el paisaje nos construye a nosotros.

#### Sostenibilidad:

Queremos reflexionar sobre la forma en que nos relacionamos con el planeta. Hacernos conscientes de que lo que es sostenible consiste en un equilibrio entre lo que nos permite desarrollar nuestra vida y lo que nos compromete a la supervivencia de las generaciones futuras. Trabajamos con la inclusión del verde en las ciudades, para esto usaremos el sistema de "bombas de semillas" de Masanobu Fukuoka.<sup>1</sup>

## CONCLUSIONES:

Yo enfrente la ciudad con mi cuerpo; mis piernas miden la longitud de los soportales y la anchura de la plaza; mi mirada proyecta inconscientemente mi cuerpo sobre la fachada de la catedral, donde deambula por las molduras y los contornos, sintiendo el tamaño de los entrantes y

salientes... Me siento a mí mismo en la ciudad y la ciudad existe a través de mi experiencia encarnada. La ciudad y mi cuerpo se complementan y se definen el uno al otro. Habito en la ciudad y la ciudad habita en mí. (Pallasmaa, 2005)

<sup>1</sup> Fukuoka estudioso de la agricultura natural, que dedico su vida a desenvolver um sistema ecológico que se basa em 5 principios: No arar, No usar fertilizantes, No eliminar malas hierbas, No podar y Sembrar mediante bombas de semillas (Nendo Dango).

Parafraseando al arquitecto finés Juhani Pallasmaa, habitar la ciudad y dejar que la ciudad habite en mí. Es una idea que intentamos transmitir a los niños/as de los talleres a través de las diferentes actividades y acciones. Desde el yo, desde el ser/estar en el mundo, desde el cuerpo, reconociendo el hábitat que nos rodea con todos nuestros sentidos, entendiéndolo, haciéndolo nuestro, apropiándonoslo, con el objetivo final de saber que podemos modificarlo para bien o para mal. Para ello, nuestro instrumento ha sido el juego, la forma natural en que los niños aprenden y se expresan. La ciudad como un gran tablero que descubren desde la acción y desde sus propios movimientos.

“A Vila do Mañá” en su historia ha trabajado con 2500 niños de entre 3 y 15 años de diferentes villas/ciudades y con 100 estudiantes de los últimos cursos de Arquitectura de las universidades de A Coruña y UPM de São Paulo. Durante el desarrollo del proyecto, hemos observado dos aspectos de especial relevancia:

- Cuando comenzamos el taller, la visión de los niños sobre su ciudad es difusa, desconectada. La

percepción de la ciudad y del hábitat de los niños ha cambiado después de realizar los talleres de “A Vila do Mañá”, el espacio urbano se ha convertido en parte de ellos, lo han interiorizado, lo han hecho suyo. Han generado enlaces con el lugar donde viven.

- La percepción de la ciudad y del hábitat para los futuros arquitectos y para los que ya no lo somos, también ha cambiado, el aprendizaje con los más pequeños, nos ha hecho considerar aspectos de la ciudad que normalmente dejamos de lado en los manuales de planificación urbana. Surgen de nuevo preguntas: ¿Cómo podemos recuperar la identidad de la ciudad? ... ¿Cómo podría la ciudad ser de nuevo ese lugar de reunión e intercambio? ... ¿cómo podemos sentirnos seguros nuevamente entre las casas, en la ciudad? ... ¿cómo podemos hacer de la ciudad nuestro lugar, nuestro sitio? ... ¿Qué podemos hacer para evitar que la ciudad sea algo sucio, gris, monstruoso?... es lo que nos motiva a seguir evolucionando los talleres de “A Vila do Mañá”.

## REFERÊNCIAS

Alberti, L. (1975). *De re aedificatoria*. Translation of Francisco Lozano. Oviedo/Spain: Edición facsímil.

Debord, D. (1959). “Teoría de la deriva”, *Internacional situacionista, vol. I: La realización del arte*, (pp. 50-53).

Fröebel, F. (1826). *La educación del hombre*. Translation of J. Abelardo Núñez. Valparaíso/Chile: Editorial del cardo.

González-Álvarez, S. (2017). *A Vila do Mañá, Rianxo. La Ciudad del Mañana*. A Coruña/Spain: COAG.

González-Álvarez, S. (2017). *A Vila do Mañá, Ames. La Ciudad del Mañana*. A Coruña/Spain: COAG.

González-Álvarez, S. (2017). *A Vila do Mañá, Riveira. La Ciudad del Mañana LUDANTIA*. A Coruña/Spain: COAG.

González-Álvarez, S. (2018). *A Vila do Mañá, Ferrol. La Ciudad del Mañana*. A Coruña/Spain: COAG.

González-Álvarez, S. (2019). *A Vila do Mañá, Vilagarcía de Arousa. La Ciudad del Mañana*. A Coruña/Spain: COAG.

Kandinsky, V. (1993). *Punto y línea sobre el plano*. Barcelona/Spain: Editorial Labor S.S.

Pallasmaa, J. (2005). *The Eyes of the Skin: Architecture and the senses*. Chichester/England: Wiley-Academy.

Todorov, T. (1970). *Teoría de la literatura de los formalistas rusos Jakobson, Tinianov, Eichenbaum, Brik, Shklovski, Vinogradov, Tomashevski*. Madrid/Spain: siglo veintiuno editores, sa.

Tonucci, F. (1997). *La ciudad de los niños*. Madrid/Spain: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

Van Eyck, A. (2008). *The Child, the City, and the Artist*. Amsterdam/Holland: Sun Publishers.

## BIOGRAFIA

### SHORT BIO

(Carballiño, España), Arquitecta por la ETSA de A Coruña. Phd en el programa oficial de Doctoramiento en arquitectura y Urbanismo de la Universidad de A Coruña y la

(Carballiño, Spain), Architect by the School of Architecture of A Coruña. PhD student in the Official Program of Doctorate in Architecture and Urban Planning of the

Universidad Presbiteriana Mackenzie (São Paulo). Beca de Investigación del Banco Santander 2017-2018.

University of A Coruña and the Mackenzie Presbyterian University in São Paulo, Santander Bank research grant 2017-2018.



[Redacted content]